



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Reabilitação Urbana

Proposta de Habitação e Ateliê na Cidade da Covilhã

Joana Carolina Nunes Rodrigues

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor João Paulo Fialho de Almeida Pereira Delgado

Covilhã, junho de 2018

Agradecimentos

Aos meus Pais,
pelo afeto, suporte e confiança depositada ao longo da minha vida.

Ao orientador, professor Dr. João Paulo Delgado,
pelo acompanhamento, disponibilidade e ensinamento durante estes meses.

À família e amigos,
pelo apoio nas horas mais difíceis.

Resumo

Com o passar dos anos, o desenvolvimento das cidades, a diminuição da taxa de natalidade e o consequente envelhecimento da população, assistimos à desertificação dos respetivos centros históricos.

Atualmente, deparamo-nos com uma crescente preocupação pela conservação dos edifícios que revelam mau estado de conservação, com o intuito de preservar e reabilitar o património arquitetónico, potencializando os seus valores históricos e tornando as zonas mais antigas da cidade novamente habitáveis.

Neste sentido, a presente dissertação consiste na proposta de intervenção num lote com uma antiga habitação unifamiliar, inserida no contexto urbano. A área a intervir, inscrita num perímetro da malha urbana com alguma expressão, será analisada no âmbito da sua materialidade, do seu enquadramento físico assim como no âmbito da exposição solar a que é sujeita. A cidade da Covilhã, mais concretamente o centro, onde se insere o objeto de estudo, tem sido alvo de um aumento de procura e recuperação de espaços devolutos, com consequências urbanísticas.

A habitação atual é composta por um único volume, sendo o rés-do-chão construído em alvenaria de pedra aparelhada e os restantes pisos através do método de construção em tabique, características típicas da construção tradicional portuguesa. Pela topográfica/topografia local, dispõe apenas de uma fachada livre e tem, como particularidade, duas paredes em rochas. Em geral a habitação apresenta problemas construtivos e organizacionais internos que conduzem à decisão de aproveitamento apenas da geometria do lote.

Iniciando pela pesquisa, recolha de informação e trabalho de campo, propõe-se devolver vitalidade à área de intervenção, recuperando conceptualmente o existente através de métodos construtivos contemporâneos. Pretende-se ainda dar um contributo na recuperação da harmonia espacial e na vitalidade do centro da cidade, fazendo deste caso um objeto de referência para outros casos semelhantes.

Palavras-chave

Reabilitação Urbana, Cidade, Habitação, Contemporâneo.

Abstract

As the years pass by, with the development in the cities and the aging of the population, we witness the abandonment of the historical town centers.

We are now faced with a growing concern to renovate buildings in a poor state of conservation, with the aim of preserving the architectural heritage and enhancing its historical values, reopening the historical areas of the cities.

In this sense the present dissertation consists of the proposal of intervention in a lot with an old single-family dwelling, inserted in the urban context. The area to be intervened, inscribed in a perimeter of the urban mesh with some expression, from the materiality at its disposal, has limited solar exposure. The city of Covilhã, more specifically the center, where the object of study is inserted, has been the target of an increase of demand and recovery of vacant spaces, with urban consequences.

The current housing is composed of a single volume, the ground floor is built in masonry of fitted stone and the remaining floors through the method of construction in septum, typical features of traditional Portuguese construction. By the local topography, you only have one free facade and, as a particularity, two rock-cut walls. In general, the housing presents internal constructive and organizational problems that lead to the decision to use the geometry of the lot.

Starting with research, information gathering and fieldwork, it is proposed to return vitality to the intervention area by conceptually recovering the existing building through contemporary constructive techniques. It is also intended to be a contribution to recover the spatial harmony and vitality of the center of the city, as well as a reference object to similar cases.

Keywords

Urban Rehabilitation, City, Habitation, contemporary

Índice

PARTE I	1
01. INTRODUÇÃO	3
1.1. Justificativa da temática	4
1.2. Objetivos	4
1.3. Metodologia	5
1.4. Resultados Esperados	5
1.5. Estrutura	6
02. CONTEXTO GEOGRÁFICO	7
2.1. Cidade da Covilhã	8
2.2. Evolução Urbana	10
03. LUGAR	13
3.1. Enquadramento Urbano e Envolvente	16
3.2. Morfologia do Lote	17
3.3. Volumetria	18
3.4. Levantamentos Realizados	18
3.5. Considerações Finais	26
PARTE II	27
04. PROPOSTA	29
4.1. Habitação	32
4.1.1. Conceito	32
4.1.2. Distribuição Funcional	34
4.1.3. Caracterização Construtiva	37
4.2. Ateliê	40
4.2.1. Conceito	41
4.2.2. Distribuição Funcional	42
4.2.3. Caracterização Construtiva	44
05. CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXOS	53

Lista de Figuras

Figura 2.1.0 - Mapa de localização e identificação da Região centro

Fonte: <https://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTS>, [07-05-2018]

Figura 2.1.1 - Cidade da Covilhã

Fonte: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/covilha-pastoral-universitaria-organiza-caminhada-noturna>, [07-05-2018]

Figura 2.1.2 - Serra da Estrela - Ponto mais alto, Torre

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Serra_da_Estrela, [07-05-2018]

Figura 2.2.0 - Covilhã - Pelourinho

Fonte: <https://journals.openedition.org/sociologico/docannexe/image/444/img-4.png>, [07-05-2018]

Figura 3.0.0 - Habitação inserida na malha urbana, Covilhã

Fonte: Autor

Figura 3.0.1 - Mapa de implantação da habitação - Covilhã

Fonte: <https://www.google.com/maps>, [07-05-2018]

Figura 3.4.0 - Seleção de fotografias do levantamento interior/ exterior

Fonte: Autor

Figura 3.4.1 - Levantamento de dimensões da “loja”

Fonte: Autor

Figura 3.4.2 - Levantamento fotográfico das patologias da “loja”

Fonte: Autor

Figura 3.4.3 - Levantamento de dimensões do piso 1

Fonte: Autor

Figura 3.4.4 - Levantamento fotográfico das patologias do piso 1

Fonte: Autor

Figura 3.4.5 - Levantamento de dimensões do piso 2

Fonte: Autor

Figura 3.4.6 - Levantamento fotográfico das patologias do piso 2

Fonte: Autor

Figura 3.4.7 - Levantamento de dimensões do piso 3

Fonte: Autor

Figura 3.4.8 - Levantamento fotográfico das patologias do piso 3

Fonte: Autor

Figura 3.4.9 - Levantamento da fachada

Fonte: Autor

Figura 3.5.0 - Levantamento fotográfico de patologias no exterior

Fonte: Autor

Figura 4.0.0- Casa de Chá, Álvaro Siza

Fonte: <https://www.archdaily.com/868617/boa-nova-tea-house-by-alvaro-siza-through-the-lens-of-fernando-guerra>, [07-05-2018]

Figura 4.0.1 - Maison Carré, Alvar Aalto

Fonte: http://www.architectureweek.com/2011/0831/culture_1-1.html, [07-05-2018]

Figura 4.0.2 - Casa Amarilla, Valerio Olgiati

Fonte: <http://repentinarepost.blogspot.com/2018/04/redaccion-repentina-valerio-olgiati.html>, [07-05-2018]

Figura 4.0.3 - Old Church Street Town House, TDO

Fonte: <https://www.archdaily.com/614011/old-church-street-town-house-tdo-architecture>, [07-05-2018]

Figura 4.0.4 - Ateliê, Tadao Ando

Fonte: <https://pt.wikiarquitectura.com/construção/atelier-em-oyodo/>, [07-05-2018]

Figura 4.0.5 - Atelier Bardill Valerio Olgiati

Fonte: <https://www.archdaily.com/58695/atelier-bardill-valerio-olgiati>, [07-05-2018]

Figura 4.0.6 - Casa em Lisboa, ARX

Fonte: <http://arx.pt/projecto/casa-em-lisboa/>, [07-05-2018]

Figura 4.0.7 - House in Alcobaca, Aires Mateus

Fonte: <https://www.archdaily.com/785384/house-in-alcobaca-manuel-and-francisco-aires-mateus>, [07-05-2018]

Figura 4.0.8 - Ateliê, Norman Foster

Fonte: <http://www.fosterandpartners.com/projects/riverside-apartments-and-studio/>, [07-05-2018]

Figura 4.0.9 - Casa das Histórias, Souto Moura

Fonte: <https://www.archdaily.com/406801/happy-birthday-eduardo-souto-de-moura>, [07-05-2018]

Figura 4.1.0- Piscina das Marés, Álvaro Siza

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/796349/as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos/57ed0e74e58ece02a000012a-as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos-foto>, [07-05-2018]

Figura 4.1.1 - House on Pali Hill, Studio Mumbai

Fonte: <https://www.archdaily.com/224966/house-on-pali-hill-studio-mumbai>, [07-05-2018]

Fig. 4.1.1.0 - Esquema de ritmos da Antiga Fachada

Fonte: Autor

Fig. 4.1.1.1 - Esquema de alinhamentos e ritmos na nova proposta

Fonte: Autor

Figura 4.1.2.1 - Axonometria, esquema de pisos

Fonte: Autor

Figura 4.1.3.0 - Modo e material de fixação dos painéis pré-fabricados de betão, HALFEN

Fonte: www.halfen.pt, [07-05-2018]

Figura 4.1.3.1 - Acessorios de fixação nos painéis pré-fabricados de betão, HALFEN

Fonte: www.halfen.pt, [07-05-2018]

Figura 4.2.0 - Atelier, Tadao Ando

Fonte: <http://www.port-magazine.com/architecture/tadao-ando-japans-master-architect/>, [07-05-2018]

Figura 4.2.1 - Tadao Ando

Fonte: <https://thespaces.com/2016/05/04/inside-concrete-atelier-japanese-architect-tadao-ando/>, [07-05-2018]

Figura 4.2.2- Maquete do ateliê, Tadao Ando

Fonte: <http://www.blouinartinfo.com/news/story/2393679/tadao-ando-at-the-national-art-center-tokyo>, [07-05-2018]

Lista de Tabelas

Tabela 4.1.2.0 - Áreas de distribuição da Habitação

Fonte: Autor

Tabela 4.2.2.0 - Áreas de distribuição do Ateliê

Fonte: Autor

Lista de Acrónimos

UBI Universidade da Beira Interior

PARTE I

Processo de investigação e de interpretação

01.INTRODUÇÃO

“O design de uma cidade é(...) uma arte temporal(...). Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as sequências são invertidas, interrompidas, abandonadas, anuladas. Isto acontece constantemente.” (LYNCH, 2008, pp.9)

1.1 Justificativa da temática

Nos últimos anos temos vindo a assistir a uma crescente necessidade de reabilitação e recuperação dos centros históricos das cidades, que se prende com a problemática da desertificação e degradação desses mesmos núcleos, tanto a nível dos seus edificados como das suas dinâmicas sociais, económicas e culturais.

A presente dissertação pretende defender e justificar a importância de intervir, potencializando e dinamizando espaços devolutos sem condições para reabilitação e recuperação, por motivos organizacionais, de falta de infraestruturas, de condições de salubridade, entre outros, de uma forma consciencializada. Deste modo, procura-se privilegiar a continuidade, sempre que possível, mas sem disfarçar a mudança.

A seleção desta temática deve-se não só aos motivos apresentados anteriormente, mas também ao facto de eu, autora desta dissertação, ter, ter residido na cidade da Covilhã ao longo do meu percurso académico. Ao me deparar com a crescente desertificação e degradação cada vez mais acentuada do centro desta cidade, senti a necessidade de potencializar um espaço devoluto, e mais ainda, voltar a vitalizar este núcleo urbano não só através da habitação, mas também do comércio que existira outrora.

1.2 Objetivos

Face ao exposto, o principal objetivo da presente dissertação passa por concretizar uma proposta de projeto de reabilitação urbana, através da intervenção num lote, para habitação unifamiliar e comércio, neste caso em concreto, um atelier de arquitetura. A área localiza-se numa das ruas secundárias no centro da Cidade da Covilhã, mais concretamente na rua Capitão Alves Roçadas.

Para tal, foi necessária a análise, localização e constatação do existente, nomeadamente identificação de patologias.

Todo este trabalho inicial tem como objetivo perceber o lugar e incorporar através de uma arquitetura contemporânea que dialogue não só com a conceptual metamorfose do espaço pré-existente, como também com a envolvente, dando assim resposta ao problema, através de uma continuidade de espaços tanto privados como das áreas envolventes, da procura em , incutir e devolver a vitalidade ao lote, proporcionando conforto familiar e qualidade espacial para habitação através do modo de (re)pensar o espaço, tanto a nível construtivo e do seu programa funcional, como na seleção criteriosa dos materiais, trazendo de novo harmonia ao espaço e à cidade.

Pelo modo como é solucionado e proposto, tem também como objetivo ser marco de referência a casos semelhantes na Cidade e futuras implantações.

1.3 Metodologia

A metodologia desta dissertação é aplicada segundo os seguintes elementos

RECOLHA DE INFORMAÇÃO:

- a) Visita ao local, para uma direta relação com a área de intervenção, e recolha de material necessário.
- b) Levantamento arquitetónico e fotográfico.
- c) Constatação do existente.

CORPO TEÓRICO:

- a) Breve contextualização geográfica
- b) Análise teórica do lugar
- c) Enquadramento do lugar com a malha urbana envolvente.
- d) Levantamento das dimensões, características e patologias do lote, conseqüentemente fatores para as considerações finais.

ELABORAÇÃO DA PROPOSTA ARQUITETÓNICA:

- a) Elaboração da proposta de intervenção como consequência da análise e solução a problemas urbanos na cidade, por um modo contemporâneo como é interpretado.
- b) Desenho detalhado das peças arquitetónicas, com referência aos materiais utilizados;
- c) Memória descritiva e justificativa da proposta.
- d) Reprodução de maquetes.

1.3 Resultados Esperados

Esta dissertação, ao abranger o tema de “Reabilitação Urbana” e deparando-se com a impossibilidade de reabilitar o objeto em concreto, tem como objetivo desenvolver, através de uma proposta com perspetiva à resolução dos problemas constatados, a integração do novo objeto arquitetónico projetado, relacionando-o de forma harmoniosa e consciencializada com a malha urbana envolvente, mantendo a sua identidade, tal como a do próprio núcleo da Cidade.

Em suma, pretende-se responder de forma consciente às necessidades do público-alvo, através do programa proposto, tornando-se objeto de exemplo a casos semelhantes futuros.

1.5 Estrutura da Dissertação

A presente dissertação está dividida em duas partes. A primeira consiste na interpretação da área de intervenção e a segunda apresenta o exercício prático da proposta de intervenção, assim como a respetiva memória descritiva.

Na primeira parte, o segundo capítulo contextualiza geograficamente a área de intervenção, assim como a sua evolução urbana.

O terceiro capítulo procura interpretar o conceito de lugar. Neste irá ser enquadrado o lote em estudo, em relação à Cidade através da sua localização, e também consoante características físicas, tais como morfologia do terreno, volumetria e envolvente. Será apresentado o levantamento realizado, a partir de desenhos técnicos e material fotográfico, elementos estes de extrema importância para perceção e exposição de patologias como justificativas das considerações finais. Este torna-se um capítulo essencial, de forma a perceber a relação entre o lugar e a sua identidade, aproveitando a memória do mesmo para a conjugação do novo com o passado, sem que se percam as características do lugar.

A segunda parte representa o processo final dos capítulos desenvolvidos na primeira parte, onde é apresentada a memória descritiva e justificativa da proposta para habitação e atelier na Cidade da Covilhã, bem como referências arquitetónicas.

Em anexo, estão colocados os desenhos técnicos referentes à proposta do projeto de execução.

02.CONTEXTO GEOGRÁFICO

“Alcandorada na ilharga da serra, a cavaleiro de um grandioso e oblíquo enrugamento, escavado de um lado pela ribeira da Carpinteira e do outro pela ribeira de Goldra, a cidade apresenta perspectivas singulares, consoante se descobre do vale, do alto ou dos flancos. (...) As ruas são traçadas com a bonomia e aspereza de carreiros de montanha. De todos os lados se ouve, ao percorrê-las, o matraquear dos teares e variada utensilagem das oficinas. A água, abundante, desce discretamente da serra, em tubagens, para as lavandarias, enquanto no fundo dos córregos se despenham livremente os caudais das duas ribeiras, sem dúvida as determinantes da fundação da secular indústria, se não da própria cidade. “(PROENÇA, 1985, pp.725)

Neste capítulo, pretende-se enquadrar geograficamente o local a intervir, através de uma breve descrição da Cidade da Covilhã. Serão abordados aspetos como o seu enquadramento geográfico, a sua morfologia, números populacionais e ainda caracterização climática.

Torna-se fundamental fazer uma breve referência, em forma de síntese, à evolução da malha urbana desta Cidade, assim como ao conceito de reabilitação urbana, como forma de introdução e esclarecimento da intervenção proposta.

2.1. Cidade da Covilhã

O concelho da Covilhã, pertencente ao distrito de Castelo Branco, localiza-se na Região Centro, na Cova da Beira, sendo a porta da Serra da Estrela. Geograficamente, o distrito é delimitado a norte pelo distrito de Guarda, a sul por Portalegre, a leste por Santarém, Leiria e Coimbra e a oeste por Espanha.

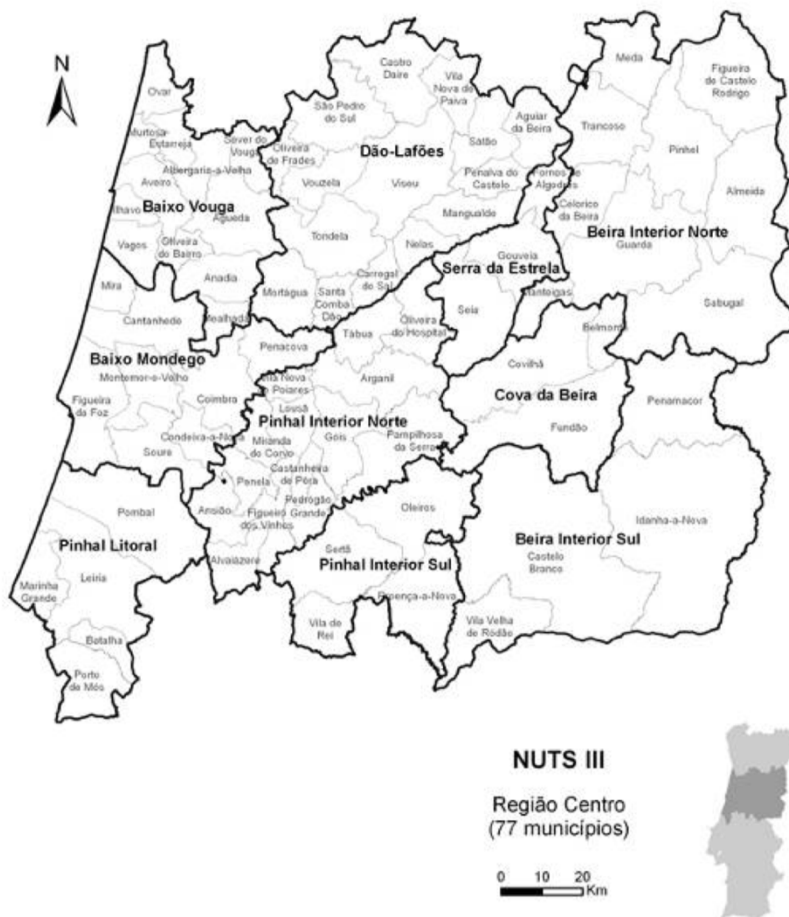


Figura 2.1.0 - Mapa de localização e identificação da Região centro

É sede de município com 555,60km² de área e 51 797 habitantes¹, subdividido em 21 freguesias, sendo que 36 356 habitantes² pertencem ao perímetro urbano formado por apenas cinco freguesias.

O seu relevo é bastante acidentado, como consequência da sua localização. O distrito é caracterizado pelas diversas serras que o atravessam, estando a Covilhã situada na vertente ocidental da Serra da Estrela, sendo um dos centros urbanos de maior relevo da região, estendendo-se entre 450 a 800 metros de altitude.



Figura 2.1.1 - Cidade da Covilhã

A Covilhã dispõe de um clima mediterrânico³, sendo que os verões possuem temperaturas altas, enquanto que contrariamente, os invernos disfrutam de temperaturas baixas, principalmente à noite. O frio aumenta consoante a altitude, variando de temperaturas mais altas nas partes mais baixas do concelho, como a sua área urbana, e temperatura mais baixas, chegando a valores negativos com ocorrências de neve, nos pontos mais altos como a Torre⁴.



Figura 2.1.2 - Serra da Estrela - Ponto mais alto, Torre

¹ Informação obtida pelo Instituto Nacional de Estatística. Censos 2011

² Informação obtida pelo Instituto Nacional de Estatística. Censos 2011

³ designação dada em climatologia e geografia a um tipo de clima temperado com estação seca e quente no verão e o inverno instável e húmido, **FONTE:** Kottek, Markus; Grieser, Jürgen; Beck, Christoph; Rudolf, Bruno; Rube, Franz (2006). «World Map of the Köppen-Geiger climate classification updated»

⁴ Ponto de maior altitude da Serra da Estrela e Portugal continental. Segundo mais elevado de Portugal.

2.2. Evolução Urbana

A Covilhã é uma povoação que, com a evolução dos tempos, desenvolveu-se urbanisticamente de forma invulgar. Ao contrário de outras vilas e cidades portuguesas, contrariou o sentido normal de crescimento urbano, expandindo-se de fora para dentro dos muros da cidade, a partir do século XVI. As construções desenvolveram-se ao longo de ruas e escadas estreitas, moldadas à topografia, que se verificam ainda hoje.

O núcleo mais antigo da Covilhã situa-se na zona do Castelo, como forma estratégica de necessidade de defesa e proteção, continuando mais tarde com a edificação das muralhas sendo o último reduto de defesa da urbe.

Como centro histórico, temos a área intramuralhas, consequência das memórias tanto ao nível da edificação como conjunto espacial, por sua vez produto da associação do pré-existente com a sobreposição de inúmeros contextos históricos e estéticos, somando-se a saturação da intensidade do espaço. Como sequela, atualmente é dificultada a leitura da malha urbana tal como resposta aos problemas que ali surgem.

Ao longo do século XIV, com o crescimento urbano, construíram-se junto às principais vias de acesso à urbe e nos arrabaldes das muralhas, alguns aglomerados urbanos, sendo esta relação entre extra e intramuros dominante nas relações sociais dos séculos seguintes.

A cidade desenvolveu-se junto às ribeiras do Goldra e da Carpintaria, afluentes do rio Zêzere. Resultado da construção das fábricas de lanifícios, encontrando-se na Covilhã o principal núcleo de lanifício de Portugal. As ribeiras agiam como fornecedoras de água para tratamentos das lãs e impulsor de potência para a maquinaria utilizada.

Foi então que no século XVIII, se fundou a Real Fábrica de panos da Covilhã, junto à ribeira do Goldra, e através do aproveitamento das pedras provenientes da demolição da muralha medieval. Mais tarde foram instalados os primeiros teares, e fundada a Escola Industrial Campos Melo. Com a inauguração do caminho-de-ferro, em 1891, assistiu-se que ao intensificar da indústria dos lanifícios.

O século XIX foi um período de grande expansão. Abriram-se novas avenidas como a Marquês de Ávila e Bolama, e foram estabelecidas um conjunto de medidas e iniciativas, pelo Eng. António José Antunes Navarro, com a intenção de melhoramento do urbanismo Covilhanense, através de novos equipamentos como escolas, biblioteca, mercados, passeio público, bairro para operários, parque público e reorganização da malha urbana.

Os anos 40 do século XX, em pleno Estado Novo, marcam o início de um momento importante na transformação urbana da cidade. O arquiteto João António de Aguiar foi eleito para elaborar o *Anteplano Geral de Urbanização da Covilhã* e o *Plano Parcial de Urbanização da Área Compreendida entre o Largo do Pelourinho e a Estação de Caminho de Ferro*, bem como para projetar a nova Praça do Município.⁵ Assente neste plano, introduziram-se uma nova rede de vias estruturantes, conectando as zonas alta e baixa da cidade. Assim se desenrolou a ampliação da escala da cidade, conseqüentemente surgindo novos equipamentos e bairros residenciais.

Apenas por volta de meados do século XX, iniciou-se o desenvolvimento da zona baixa da cidade, estruturada em torno da estação de caminho-de-ferro, ganhando definição de uma nova centralidade através da introdução do tribunal, em 1957, da penitenciária, de escolas e de bairros residenciais de diferentes tipologias.

No centro da cidade, o plano “modernizador” de João Aguiar implicou a destruição do antigo largo, mas foram entre os anos 1944 e 1958 que se assistiu a uma alteração radical a nível da configuração urbana da área central da cidade. Introduziu-se o novo edifício da Câmara Municipal, para além da nova praça, e ainda novos equipamentos representativos - a Caixa Geral de Depósitos, os Correios e o Teatro-Cine, ainda hoje presentes.



Figura 2.2.0 - Covilhã - Pelourinho

⁵ Domingos Vaz, “Reinventar a relação cidade-montanha na Covilhã: uma discussão para a criação de uma nova marca urbana”, *Fórum Sociológico*, 21 | 2011, 55-64.

No início dos anos de 1960 a Covilhã, ainda uma cidade industrial, era uma das duas urbes mais populosas do interior do país.

O principal investimento correspondeu à inserção do Ensino Superior na Covilhã, que veio gerar novas sinergias na economia e na sociedade local, contrariando a crise em que se encontrava a cidade por consequência do declínio da indústria dos lanifícios. Optou-se pela colocação das estruturas universitárias, subdivididas em polos, como solução de reutilização de grande parte das antigas instalações industriais, com a pretensão de revitalizar as zonas onde se encontravam os edifícios. Dos pontos de vista urbanísticos, arquitetónicos e paisagísticos, as transformações associadas à UBI vieram valorizar e caracterizar a pré-existência e a paisagem urbana.

A expansão da cidade para a zona de vale desenvolve-se de uma forma desconexa da cidade antiga, sem um desenho de conjunto coerente com a topografia do território, sendo avançado como principal facto da degradação paisagística generalizada a inadequação dos instrumentos de planeamento que, quando existem, estão alheados das especificidades topográficas, paisagísticas e identitárias do território, levando à “ocultação das majestosas vistas panorâmicas que são (ou eram) uma das mais-valias da cidade”⁶.

⁶ Bartolomeu Costa Cabral citado em Maria João Matos (2010: 268)



03. LUGAR

“é algo mais do que a mera localização abstrata. Entendemos uma totalidade formada por coisas concretas com substancia material, forma, textura e cor. Juntas, estas coisas determinam um “caracter ambiental”, que é a essência do lugar.” (NORBERG, 1996, pp.6)



Figura 3.0.0 - Habitação inserida na malha urbana, Covilhã

O terceiro capítulo aborda o conceito de lugar, tal como as características do lugar em questão. Assim sendo, neste irão ser feitas breves abordagens acerca do seu enquadramento urbano. Posteriormente, será exposta a morfologia do lote, e ainda a volumetria do edificado presente. Será apresentado o levantamento do lote e uma análise que, através de todos os pontos abordados, dará origem às considerações finais, que irão justificar as decisões tomadas.



Figura 3.0.1 - Mapa de localização da habitação - Covilhã

lu·gar

(latim *localis*, -e, relativo a um lugar, local)

Espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo.

Assim sendo, entende-se que o lugar é o espaço ocupado, ou seja, construído e habitado.

3.1 Enquadramento Urbano

No Centro da cidade da Covilhã, distrito de Castelo Branco, a 3,5km da N18, e 150m do Pelourinho e da Câmara Municipal, na Rua Capitão Alves Roçadas, que faz ligação entre o Pelourinho, passando pelos CTT e pelo Banco Caixa Geral, com o Mercado Municipal, encontra-se o lote abordado na presente dissertação, de carácter urbano envolvido no núcleo da malha urbana.

Apesar de se encontrar no centro da cidade, é um local calmo e silencioso. Por consequência do desenvolvimento da cidade e do elevado envelhecimento da população, este encontra-se numa área em que a maioria das habitações envolventes se encontram devolutas. Com a crescente necessidade que atualmente se verifica de preservação e reabilitação do património, deparamo-nos então com a reabilitação e recuperação de alguns desses edificados. São maioritariamente direccionados ao público mais jovem, e acarretam em geral tipologias maiores.

Relativamente à envolvente, o lote pelo seu enquadramento central enquanto à cidade, é abrangido pelos mais diversos tipos de serviços, essenciais à vida quotidiana, desde transportes públicos que fazem conexão com toda a cidade, até serviços como bancos, farmácias, clínicas, cafés, hotéis, entre outros.

Com a evolução da cidade, tal como acontece com os espaços habitacionais, assistimos também ao dizimar da maioria do comércio tradicional, consequência da criação de grandes superfícies comerciais. Este comércio encontrava-se implantado no R/chão dos edificados das ruas secundárias, diversificando e tornando-se uma mais valia à população, assim como à Cidade, dinamizando as ruas tanto urbanisticamente como social.

3.2 Morfologia do lote

Dispõe de área total do terreno 49m², assim como a mesma área de implantação, visto o edifício de habitação cobrir toda a área do lote.

Morfologicamente, o terreno, devido à construção da cidade e ao relevo natural da mesma área, possui características particulares. Entre fachadas existe uma grande discrepância entre cotas, estando a sua frente, a leste, à mesma cota da rua, que ali atravessa, enquanto que pela sua traseira, o r/chão encontra-se a 6,4m abaixo da cota do atalho que atravessa e dá acesso às habitações traseiras. Assim sendo, pela traseira a habitação ali implantada, encontra-se enterrada.

No Interior da habitação, é onde temos uma maior perceção da sua morfologia, pelo facto de só permitir ter uma fachada livre. É aproveitada a rocha escavada como parede traseira e delimitação com a habitação vizinha. Esta é uma característica própria e interessante da casa, mas que traz grandes problemas de humidade, provocando o aceleramento de degradação observado no interior.

Esta característica de casa implantada através da escavação de uma rocha, estando entre cotas com alguma diferença significativa de alturas, originando casas enterradas, assim como a reduzida área em que se implantam, é algo de comum na área e observável em tipologias do mesmo tipo que a da presente dissertação, devendo-se talvez pela pobreza local, sentida no passado. A população vivia em grande parte da indústria e do gado, não possuíam largas possibilidades para grandes habitações, salvo certos casos visíveis ainda atualmente, ao longo da Cidade, de palacetes, sendo um exemplo deste o edificado em frente ao lote a intervir.

3.3 Volumetria

É ocupado por uma habitação, abrangendo a totalidade da área do lote de 49m², construída em alvenaria, no r/chão, e tabique nos restantes pisos. É disposta em três pisos e águas furtadas, com um total de onze divisões distribuídas pelos mesmos. Para além da sua construção já referida, esta casa tem a particularidade de ter sido construída sobre uma rocha escavada, isto é, tanto a sua parede do fundo como a parede a norte conectada com a habitação vizinha é uma rocha que foi escavada e deixada em bruto, apenas revestida em certos compartimentos da casa.

No r/chão temos a “loja”, um espaço que antigamente se destinava a arrumos e principalmente armazenamento de alimentos. É também a este nível que temos a entrada para a habitação através de umas escadas que se encontram contruídas ao longo e sobre a rocha.

Ao chegar ao primeiro piso encontra-se a sala e um pequeno compartimento destinado ao banheiro junto à fachada. Na parte traseira, situam-se dois quartos e outro compartimento que serve de passagem para um dos quartos e ainda onde se encontra o duche. Estes são iluminados e ventilados através da sala.

No segundo piso, voltamos a ter uma segunda sala e um quarto junto à fachada, separando-se da cozinha, sala de jantar e os restantes dois quartos, nenhum destes espaços sendo contemplado de iluminação e ventilação natural.

Por fim no ultimo piso, o sótão, temos um pequeno compartimento, e um pé direito muito baixo, tornando-se difícil o acesso ao mesmo.

Apresenta apenas uma fachada livre, orientada a leste, em contacto com a Rua Capitão Alves Roçadas.

Atualmente, o espaço encontra-se devoluto e em más condições de preservação interior, para além que carece de vários e importantes fatores de habitabilidade.

3.4 Levantamentos Realizados

Esta foi uma fase determinante no trabalho, por ser das primeiras e das mais importantes. Serviu de arranque à dissertação, visto ter sido essencial para a interpretação do local de intervenção e pelo facto de não haver quaisquer tipos de documentação gráfica em relação ao lote.

Será apresentado o procedimento dos levantamentos arquitetónicos da habitação através de registos iniciais, realizados manualmente pelo autor originando os desenhos técnicos informais,

apenas para melhor perceber o espaço, assim como registos fotográficos. Consequentemente, toda esta fase de levantamento será objeto fundamental às considerações finais.

Primeiramente e mais importante, realizou-se a visita ao local, com o objetivo de executar o levantamento do objeto, de modo a conhecê-lo melhor assim como a ter um melhor conhecimento da situação das suas áreas interiores.

Com a ajuda de um instrumento medidor digital a laser, solicitado e facultado pelo departamento de Engenharia Civil da UBI, assim como uma fita métrica, papel e caneta, fez-se o levantamento dimensional, sobre forma de esquiço para melhor entendimento espacial, também como o levantamento patológico geral do mesmo. A câmara fotográfica também foi um objeto essencial nesta fase, visto a impossibilidade de revisita constante ao mesmo. O material fotográfico, para além de servir de registo, ajudou quando alguma dúvida surgia, como modo esclarecedor.

Nesta primeira abordagem não foi possível o acesso à parte traseira do lote, obrigando a uma nova visita ao local para melhor perceber a relação do interior-exterior na zona traseira, bem como a envolvente desse mesmo espaço.

Ao longo da elaboração da proposta, após as reflexões e decisões tomadas e assumidas na intervenção, continuaram as visitas ao exterior do lote mas agora com outro objetivo, desta vez focado na envolvente como modo de perceção de características espaciais e sociais essenciais ao novo objeto proposto.



Figura 3.4.0 - Seleção de fotografias do levantamento interior/ exterior

Piso 1

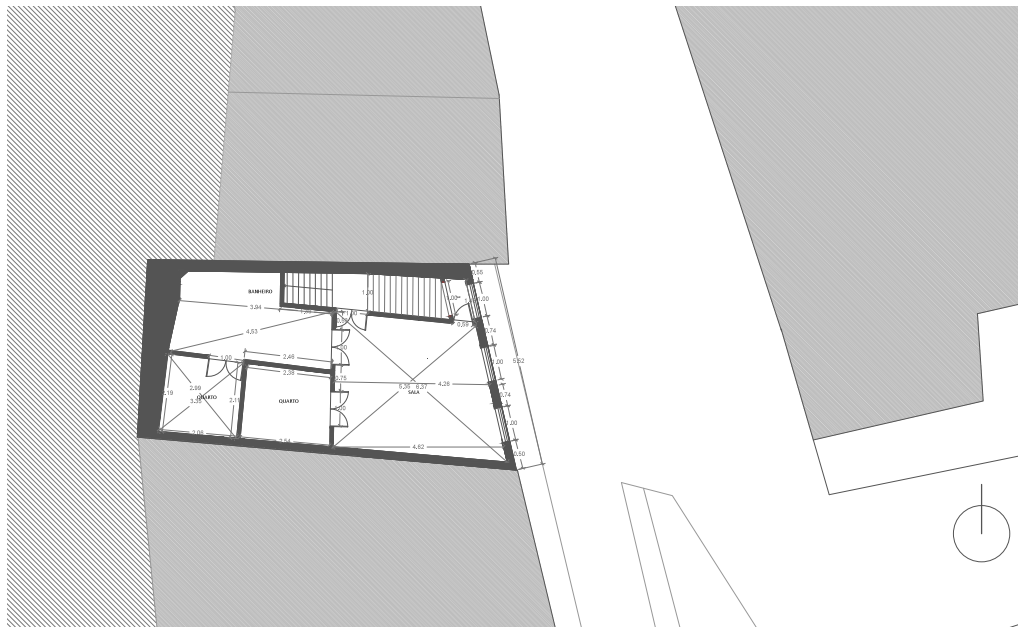


Figura 3.4.3 - Levantamento de dimensões do piso 1, Escala 1/500

Neste piso, a grande maioria das patologias observadas foram nos compartimentos do fundo, novamente junto à rocha, com a observação de fissuras na parede devido à humidade causada pelo escoamento de água na mesma.

O problema maior encontra-se no pavimento e no teto que, por serem de madeira e por consequência da humidade, encontra-se podre, principalmente nas extremidades onde faz ligação com a parede. Também verificamos o começo da cedência do pavimento no centro do compartimento da sala, o que já prevíamos após termos observado a “loja” e o reforço provisório existente na mesma.



Figura 3.4.4 - Levantamento fotográfico das patologias do piso 1

Piso 3

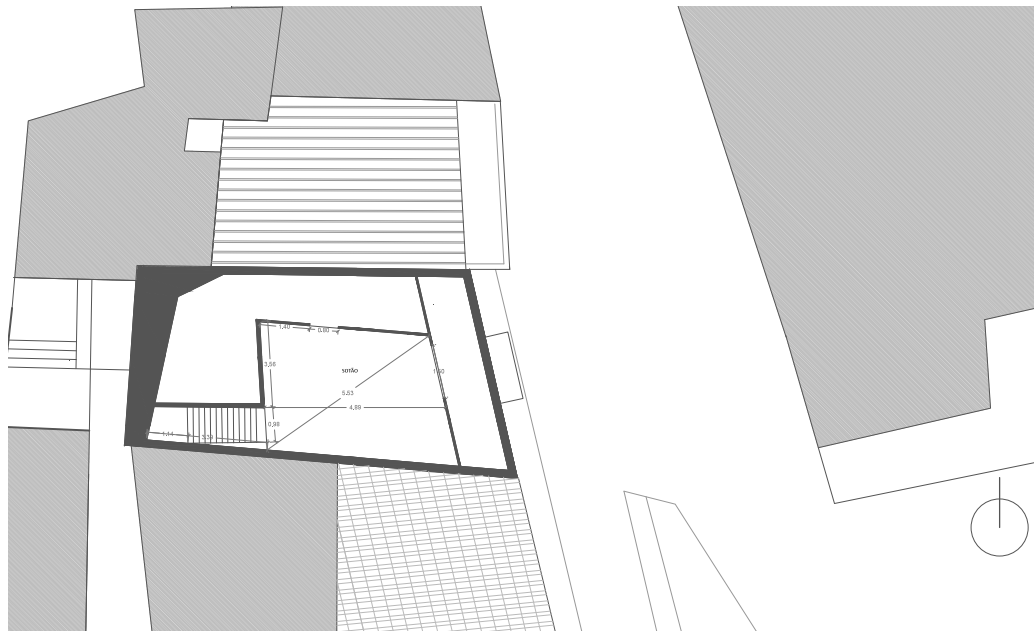


Figura 3.4.7 - Levantamento de dimensões do piso 3, Escala 1/500

No terceiro e último piso, o tradicional sótão, verificamos mais uma vez a existência de humidade nas paredes e cobertura, assim como no pavimento. Consequentemente é visível o levantamento e empenamento do pavimento assim como o descascar da parede.



Figura 3.4.8 - Levantamento fotográfico das patologias do piso 3

Exterior



Figura 3.4.9 - Levantamento da fachada

Na fachada, ainda que apresente algum estado de conservação face à restante habitação, observamos o descasque de tinta e a presença de infiltrações, mais evidentes no rés do chão. Em geral observamos a deterioração das caixilharias de madeira das janelas, assim como das portas.



Figura 3.5.0 - Levantamento fotográfico de patologias no exterior

3.5 Considerações Finais

O estado patológico da habitação apresenta no global de todos os pisos a mesma situação, resultado da idade da respetiva edificação e características físicas de implantação da mesma.

Neste caso temos uma construção antiga, onde predominam cripto florescências, bolores, fissuração nas paredes interiores. Como patologia predominante temos as infiltrações ocorridas ao longo das paredes em rocha que embora revestidas, se encontram num nível elevado de degradação, assim como os pontos de ligação entre o pavimento e a mesma.

As janelas e portas exteriores de madeira, devido à sua antiguidade e à sua exposição às diversas condições climatéricas apresentam-se em estado de deterioração elevado.

As escadas atuais, já resultado da substituição dos originais e em algumas partes reforço das mesmas, também se encontram já degradadas, tendo dificultado o acesso entre pisos.

Tendo como objetivo final da dissertação a reabilitação urbana como modo de revitalizar espaços para habitação e comércio, onde o intuito é não só focado no lote mas sim em toda a envolvente física e social, decidiu-se por todas as patologias apresentadas, tanto de degradação construtiva do edificado como da sua funcionalidade, apenas aproveitar o lote como área optando-se pela demolição total do edificado.

Assim sendo, o objetivo principal será criar um objeto arquitetónico contemporâneo, com a mesma funcionalidade e ainda complementar com a vertente de comércio, que respeite alinhamentos, ritmos e características tradicionais, não só baseadas na envolvente mas também com base no edificado que ali se encontra, como forma de solução e evolução conceptual do mesmo.

PARTE II

Proposta de projeto de execução



04.PROPOSTA

“Não trabalhamos na forma, trabalhamos com todas as outras coisas. No som, nos ruídos, nos materiais, na construção, na anatomia etc. O corpo da arquitetura, no início, é a construção a anatomia, a lógica no ato de construir. Trabalhamos com todas estas coisas, olhando ao mesmo tempo para o lugar e para a utilização. Não tenho de fazer outra coisa, este é o lugar que posso ou não influenciar, e esta é a utilização”(ZUMTHOR, 2006, PP.71)



Fig. 4.0.0 - Casa de Chá, Álvaro Siza



Fig. 4.0.1 - MAison Carré, Alvar Aalto

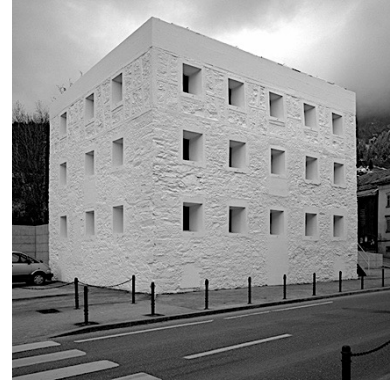


Fig. 4.0.2 - Casa Amarilla, Valerio Olgiati



Fig. 4.0.3 - Old Church Street Town House, TDO



Fig. 4.0.4 - Ateliê, Tadao Ando



Fig. 4.0.5 - Atelier Bardill, Valerio Olgiati



Fig. 4.0.6 - Casa em Lisboa, ARX



Fig. 4.0.7 - House in Alcobaca, Aires Mateus



Fig. 4.0.8 - Ateliê, Norman Foster



Fig. 4.0.9 - Casa das Histórias, Souto Moura



Fig. 4.1.0 - Piscina das Marés, Álvaro Siza



Fig. 4.1.1 - House on Pali Hill, Studio Mumbai

Mapa de referências

O quarto capítulo descreve e justifica a proposta para habitação e atelier, situado na rua Capital Alves Roçadas, na cidade da Covilhã, com o objetivo de apresentar novas soluções tomadas relativamente ao uso do espaço, às técnicas construtivas, à distribuição do seu programa funcional e à sua materialidade, consoante as exigências do público-alvo e as pretensões do autor.

A proposta teve como base de estudo diversas referências (fig. 4.0.0 à fig. 4.1.1 - Mapa de referências), tornando-se fundamentais na forma como foi abordado as mais distintas características do lote em intervenção.

A intervenção representa a consolidação da habitação com o piso de comércio, o Atelier. Esta proposta é pensada para dois tipos de públicos em específico: um casal jovem, do qual uma ou ambas as partes são arquitetos, em que usufruem do lote por completo, como área de trabalho e habitação; ou outro público que seria um casal jovem para a habitação e um arquiteto(a) para o atelier, em que neste caso os espaços seriam usufruídos por públicos independentes um do outro.

A principal intenção foi procurar criar, para além de um espaço habitacional que dinamizaria o lote a nível privado, um espaço de comércio, procurando dinamizar não só o lote como também a malha urbana com o objetivo de voltar a habitar as ruas que outrora serviam a população no mesmo sentido.

Face ao exposto, considerou-se abranger uma área social espacialmente ampla e polivalente para maiores momentos de socialização, uma área íntima com uma única suite para o proprietário. Como forma de solução a vários problemas de salubridade da habitação, criou-se um pátio, que vem dinamizar toda a área social para épocas festivas e de condições climatéricas mais favoráveis.

4.1 Habitação

A Habitação é não só o elemento estruturante da paisagem urbana como também a peça que organiza o território rural. Como tal a casa e o ato de habitar é fundamental não só do ponto de vista da funcionalidade para quem habita como para quem percorre o espaço público. É esta dualidade entre interior e exterior, entre fachada e pavimento, entre público e privado, entre tradicional e moderno, que acaba por marcar todos os projetos de habitação.

4.1.1. Conceito

As decisões tomadas na proposta para conceção da seguinte proposta resultam de uma reflexão sobre temas identitários da arquitetura covilhanense, propondo uma estratégia de distribuição funcional que corresponda às exigências impostas sem esquecer a identidade do lugar. Tratar-se-á de um edifício com duas fachadas distintas, a pública, de painéis de betão rebocados e pintados de cor branco puro, o mais usual na Covilhã, e as traseiras em vidro, ligadas por um interior de betão aparente, pontuados pela presença de elementos de madeira de carvalho.

Assim a fachada assente na tradição Covilhanense, através da ligação acentuada pela estrutura rítmica das janelas, criando faixas horizontais e bandas verticais. À semelhança da maioria dos edifícios envolventes e mais antigos da Cidade, é proposta uma fachada plana, na qual a sua expressão resulta da sua natureza ritmada, e de efeitos de sombra e vinculação produzidos pelos recuos que a compõem (fig.4.1.1.1). São também tidos em conta ritmos presentes no edificado que ali existia como forma de memória e evolução do mesmo (fig. 4.1.1.0).

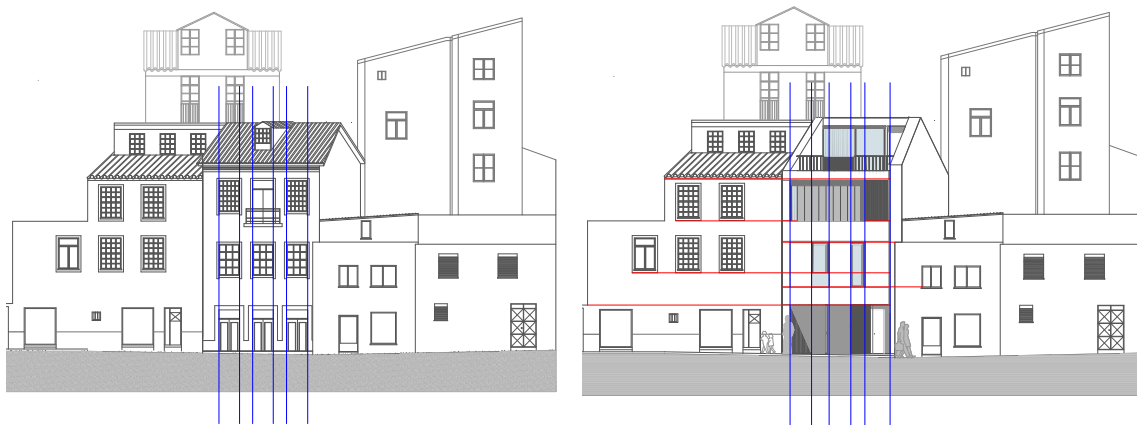


Fig. 4.1.1.0 - Esquema de ritmos da Antiga Fachada Fig. 4.1.1.1 - Esquema de alinhamentos e ritmos na nova proposta

Na fachada traseira, é explorado uma extrema transparência, como forma de prolongamento do interior para fora, abrindo-se para um pequeno pátio privado.

É pretendido criar um objeto que responda a todas essas características bem como à necessidade de maior privacidade em relação à envolvente pela qual se vai formar. Devido à proximidade entre edifícios e de modo a solucionar esse problema, é criado um bloqueio através de um ripado de madeira, que visa solucionar e se relacionar não só pela sua materialidade mas também pela sua textura com a área envolvente.

Funcionalidade, habitabilidade interior e relação interior/exterior são conceitos refletidos de forma a potencializar a habitação como uma totalidade. Assim sendo, pretende-se ao nível privado, uma maior interação entre pisos ocorrentes no piso 1, 2 e 3, e dos mesmos para com o pátio e a cobertura. Igualmente, e apesar de funcionarem independentemente, pretende-se que a habitação e o atelier interajam entre si, bem como todo o conjunto com a envolvente urbana.

No interior, a proposta passa por aproveitar a rocha ali presente como forma caracterizante do espaço. Posto isto, a nova construção irá agregar-se a esta rocha de tal forma a transmitir a perceção de construção sobre aquele elemento e não nele próprio, de forma a evidenciá-lo. Pela reduzida área a intervir, o desenho do espaço interior, caracterizado por espaços amplos com o mínimo de compartimentos possíveis, proporciona ao espaço uma vasta sensação de desafogo, bem como fluidez e liberdade de movimento.

Quanto à criação do pátio, advém por consequência das características morfológicas do lote, às quais não permitiam a ventilação e iluminação natural das áreas úteis. Para além da sua associação com a fachada traseira, prolonga todo o piso social, quando aberto, libertando o espaço, tornando-o polivalente para um maior aproveitamento em ocasiões sociais dos que ali habitem.

A entrada de luz zenital, conduzida para o interior das escadas, mais concretamente para a rocha existente no espaço, por meio de um rasgo na cobertura, estabelece um diálogo interior-exterior relacionado com a importância conceptual de manter a identidade do lugar através de elementos naturais, como é dito por Norberg-Schulz.

Estruturalmente esta proposta é concebida para que toda a estrutura envolva o espaço e se transforme ela mesma em arquitetura. Assim sendo, a estrutura em betão é exposta e considerada para definição do espaço de habitação.

Quanto à componente social visa resolver e dar resposta ao ato de abandono da Cidade, repensando e reconstruindo os lotes consoante a cidade e a suas necessidades, com o objetivo de aproveitar os espaços outrora esquecidos.

4.1.2. Distribuição funcional

A habitação, de tipologia T1, é composta por três pisos habitáveis e duas áreas de lazer. O seu programa está definido, no piso térreo, pela entrada da habitação, no piso um, pelos espaços comuns - cozinha, sala, pátio e instalações sanitárias comuns, no piso dois, pelas divisões privadas - a suite, vestiário e suas instalações sanitárias, e no piso três, pelo escritório e cobertura plana como espaço de trabalho e lazer.

O conjunto habitacional dispõe de uma área útil de 75.72m², orientado a leste e sem vãos a norte. Entre as áreas construídas e a rocha que faz parede meia com a habitação vizinha a norte, encontram-se as escadas. Para além do seu propósito de ligação vertical entre pisos, estas servem simultaneamente de elemento de agregação entre o construído e a rocha, sendo um elemento essencial na ideia pela qual se desenvolveu a proposta.

HABITAÇÃO (m ²)		
PISO	DIVISÃO	ÁREA
1	Sala	10.54
1	Cozinha	11.06
1	Instalações sanitárias comuns	2.99
1	Pátio	5.09
		29.68
PISO	DIVISÃO	ÁREA
2	Quarto	11.60
2	Corredor	0.96
2	Vestiário	4.11
2	Instalações sanitárias privadas	3.59
2	Corredor	0.70
		20.96
PISO	DIVISÃO	ÁREA
3	Escritório	8.27
3	Cobertura/pátio	16.81
		25.08
TOTAL		75.72

Tabela 4.1.2.0 - Áreas de distribuição da Habitação

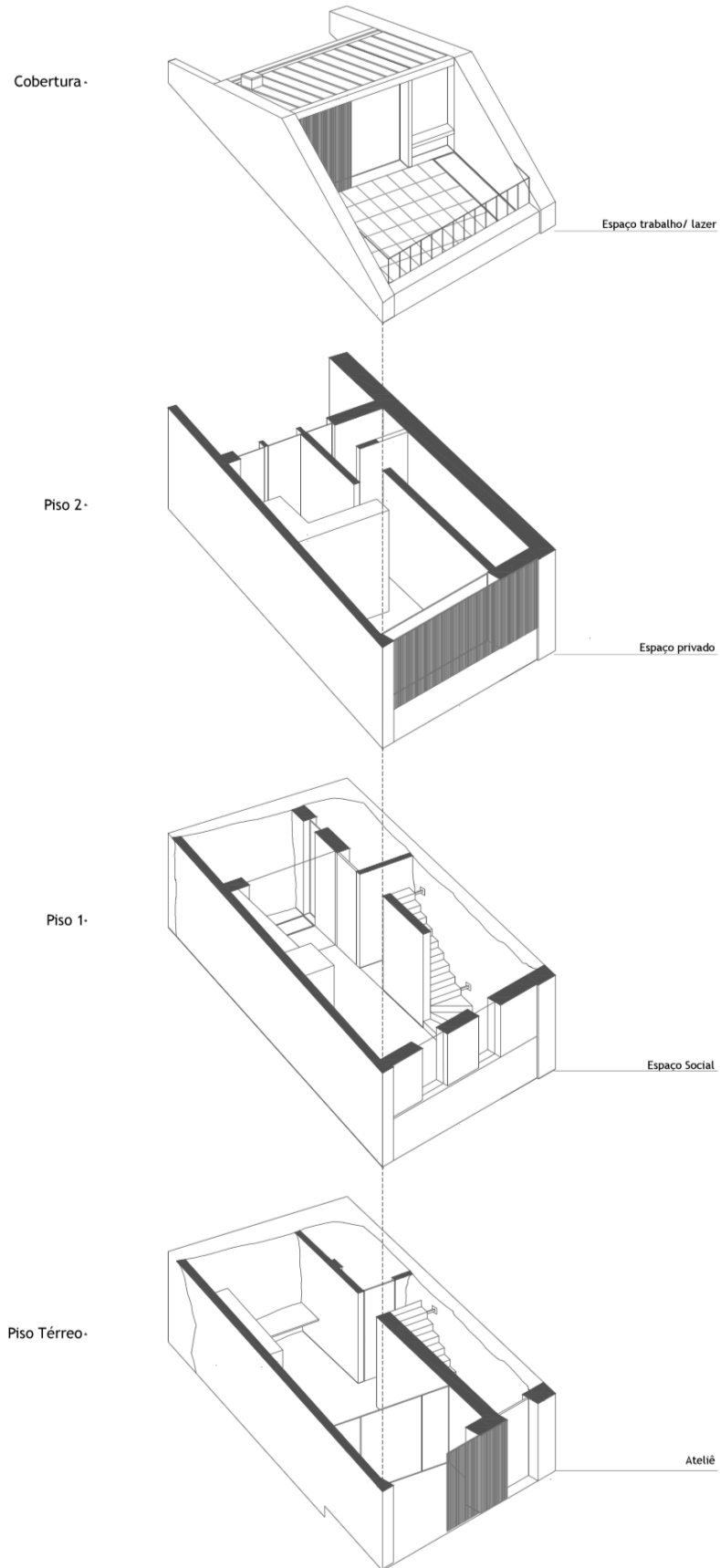


Figura 4.1.2.1 - Axonometria, esquema de piso

Piso Térreo

É ao nível deste piso que é proposta a solução para entrada da habitação. Após este momento de entrada, este recuado em relação á restante fachada, irá dar espaço às escadas. Propostas como forma de conexão vertical entre pisos - comum e privado - e na horizontal como modo de interligação do espaço construído e habitado com as características naturais do lote.

Piso 1

Relativamente ao piso 1, o piso social da habitação, deparamo-nos inicialmente com a cozinha e a sala, como espaços amplos, e polivalente. Nas traseiras, encontra-se o pátio, como forma de solução a problemas de carência de salubridade, iluminação e arejamento. Este separa-se do interior da habitação, através de duas portas de vidro, gerando fluidez entre o espaço exterior e o interior.

Na fachada principal, são abertos dois vãos, um composto por uma janela de folha fixa, e outro por uma janela oscilo batente, alinhadas com as áreas de circulação, deste modo privando a intimidade que ocorre no espaço central.

Em alinhamento com as escadas, e em contacto com o pátio e a cozinha, localiza-se o compartimento destinado ás instalações sanitárias para uso comum. Este é iluminado através de uma janela oscilo-batente de vidro fosco, virada para o pátio, e alinhada com a claraboia nele presente.

Quanto ao mobiliário, armários da cozinha e estantes são colocados ao longo da parede em empena com o edifício vizinho. O restante mobiliário é colocado alinhado ao centro do piso para maior espontaneidade de fluência de movimento do espaço.

Piso 2

No que diz respeito ao piso 2, piso privado, após passar o corredor de chegada, passamos para a suite, único quarto da casa. Este dispõe de um espaço de descanso e relaxamento onde se encontra a cama virada para a fachada principal, a leste.

Na fachada é aberto um vão, a partir de duas janelas de correr e ainda um conjunto de régua verticals de madeira, que abrem feito portadas. Está colocado pelo lado exterior á face da fachada, como modo de barreira e criação de privacidade.

As instalações sanitárias privadas, por outro lado, situam-se no lado oposto ao quarto, na fachada traseira, composta por duas janelas de vidro duplo fosco, impossibilitando o contacto visual do exterior para o interior. Separa-se do vestiário através de um vidro duplo com o propósito de iluminar toda esta área situada entre o quarto e as instalações sanitárias e de certo modo fazer fluir a conexão entre os diversos espaços.

Neste piso a área sobre as instalações sanitárias do piso anterior, são ocupadas por uma escada que dá acesso ao escritório/ cobertura.

Piso 3

Por fim, no piso 3, encontra-se o escritório, virado para a cobertura através de duas portas de vidro de correr. O espaço da cobertura, pela sua cota conseguimos ter a perceção de alinhamento com a rua e dos edificadros que a constituem. Neste ponto da habitação temos como vista, a norte o centro da Cidade e a sul a paisagem da Covilhã com perceção da sua morfologia.

A cobertura plana surge com forma de continuidade do espaço traseiro e alinhamento com os edifícios envolventes. Por sua vez é concebido um espaço de lazer mais amplo, ideal para momentos de socialização. Apesar de se encontrar a uma cota mais elevada em relação ao pátio do piso 1, perde a sua privacidade devido á sua amplitude e ao facto que ainda assim ser rodeado por edifícios com uma maior altura.

4.1.3. Caracterização Construtiva

Sistema Estrutural

As paredes estruturais da habitação são de betão armado, que por sua vez suportam uma laje maciça de betão. A laje, que ficam em contacto com a rocha, onde se situam por sua vez o pátio, as instalações sanitárias e as escadas, é construída em consola.

A estrutura, composta por duas paredes em empena e uma lâmina transversal.

Revestimento Exterior, Acabamentos e Pavimentos

As paredes exteriores da fachada frontal, são compostas por painéis pré-fabricados em betão rebocadas e pintadas de cor branco puro, no miolo, por caixa-de-ar e isolamento de lã de rocha, no interior por uma parede estrutural em betão rebocado e pintado de cor branco puro. Na fachada traseira, as paredes são constituídas do mesmo modo por painéis pré-fabricados em

betão à vista, no miolo, por caixa-de-ar e isolamento de lã de rocha e, no interior por uma parede de betão estrutural em betão à vista.

Quanto á parede lateral que se encontra sobre a rocha, construída em consola, possui o mesmo tipo de construção e acabamento que a fachada principal. Ambas são pintadas de branco, a fachadas por motivos de continuidade e linguagem presentes em tipologias do mesmo tipo. Já a parede sobre a rocha é pintada de branco como forma de evidenciar a nova construção transparecendo essa intenção.

Os painéis são presos á parede estrutural através de parafusos espaçadores (fig. 4.1.2.1.).

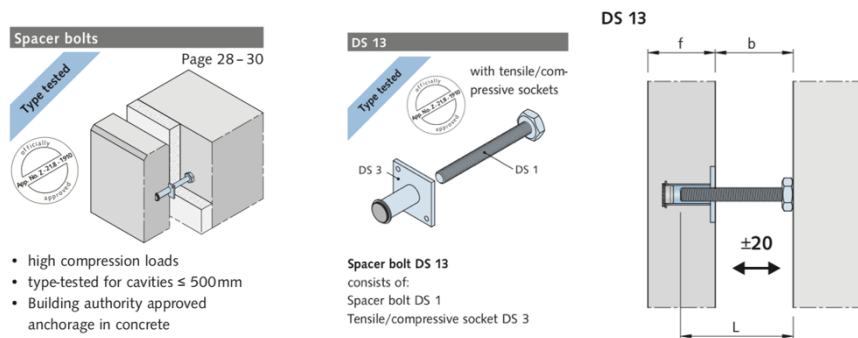


Figura 4.1.3.0 - Modo e material de fixação dos painéis pré-fabricados de betão, HALFEN

As paredes divisórias interiores são formadas por gesso cartonado de cor branco, no miolo, caixa-de-ar e isolamento de lã de rocha, sendo suportadas por perfis UPN de aço galvanizado. Nas instalações sanitárias privadas, onde se encontra o banheiro, a parede de gesso é revestida por cerâmicos de 30x60cm.

Os tetos são concebidos pelas lajes de betão à vista, com exceção do escritório, onde é constituído por painéis sandwich em que uma das faces é revestida com acabamento de gesso cartonado pintado de cor branco puro.

Em todos os pisos, é utilizado betão afagado e polido como finalização do pavimento, criando continuidade das paredes e por sua vez de todo o piso.

Carpintaria e Serralharia

As folhas das portas interiores e da porta de entrada exterior, são em laminado de madeira de carvalho com velatura aquosa e acabamento em verniz mate.

As janelas da sala, quarto, instalações sanitárias, escritório e claraboia das escadas, assim como as portas da cozinha, são compostas por caixilharias de alumínio iodizado de cor preto. Estas são colocadas com o auxílio do acessório de fixação (fig.4.1.2.2), que serve de elemento conector com a laje e/ou as paredes estruturais.

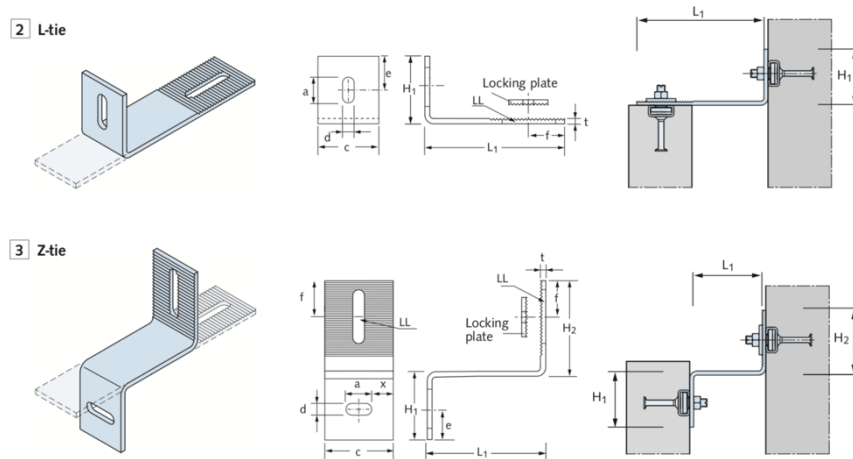


Figura 4.1.3.1 - Acessórios de fixação nos painéis pré-fabricados de betão, HALFEN

As régua verticals em madeira, existente no piso 2 e 3, são constituídas de madeira de carvalho, procurando, para além de criar faixas horizontais de alinhamento da fachada com a envolvente, criar privacidade e, através da sua geométrica e natureza, se relacionar e criando textura com os materiais em torno existente.

A mobília - cozinha, sala, vestiário e escritório deverá ser feita em madeira de carvalho maciça com velatura aquosa com acabamento em verniz mate, que pelo seu acabamento se relacionam com a intensão de aspeto bruto proporcionado pelo betão.

Cobertura

No caso da cobertura plana, é uma laje maciça de betão, armado em duas direções, estando uma parte em consola, com 15cm de espessura. Sobre ela são colocados, uma tela de impermeabilização de 1 cm, isolamento térmico de poliestireno extrudido “roofmate” de 5 cm, uma camada de forma de 5 cm com uma inclinação de 1% e por último as lajetas de betão de 5 cm.

Quanto à cobertura inclinada, é constituída por uma chapa de zinco, de cor preta sobre uma lâmina drenante, para uma melhor ventilação evitar a corrosão do mesmo. Assenta sobre travessas de madeira de apoio de 2x5cm e de painéis sandwich de 10cm de espessura. Todo este sistema de cobertura assenta sobre vigas de madeira de 10cm. Como acabamento são colocados rufos em chapa de zinco, aplicados por rebites.

Como forma de solução para drenar as águas, colocam-se rufos em chapa de zinco em conjunto com um dreno ómega da “WAVIN”, em ambas as coberturas.

4.2. Ateliê

a·te·li·ê

Local de trabalho de um artista ou de quem trabalha em seu nome (ex.: *ateliê de arquitetura*). = ESTÚDIO

Como nos indica a definição, é um espaço onde a produção arquitetónica é um constante manifesto, levado a cabo por dezenas de trabalhadores. Aqui é importante o espaço de trabalho no conjunto, ou seja, os vários trabalhadores concentram-se num único espaço e realizam os mais diversos trabalhos.

“Two crucial characteristics of the studio and the way that we work are the democracy and freedom of communication the we enjoy. The studio has no partitions or separate rooms and meetings tend to take place informally in the midst of the creative process-often focused on a model or around the computer screen.” (FOSTER, 2016)

4.2.1. Conceito

A projeção do atelier inspirou-se no ateliê do arquiteto Tadao Ando, em Osaka, construído em 1991, onde se reflete a estética e ideologias do arquiteto, mais do que em qualquer outro. Esta construção funciona como exercício, em que a relação da vida e do trabalho está tão presente, bem como a relação interior com os elementos naturais e a envolvência, criando assim um pátio, como forma de criar lugares particulares, focalizado para o interior mais que a sua relação com o exterior.

O seu ateliê, composto por sete pisos no seu interior, dois dos quais são inferiores ao nível da rua, com um total de 450 m². No seu centro compreende-se um átrio que atravessa as cinco plantas principais, ampliando-se à medida que a estrutura sobe, e onde os seus espaços de circulação sobem em torno deste átrio, convertendo o espaço de trabalho num espaço pouco comum que fundamenta a relação entre a equipa de projetistas e uma comunicação relaxada entre os vários empregados.

Destaca-se a sua iluminação zenital que permite a criação de vários jogos de luz verticais e horizontais, através do pátio central, nas próprias plantas.

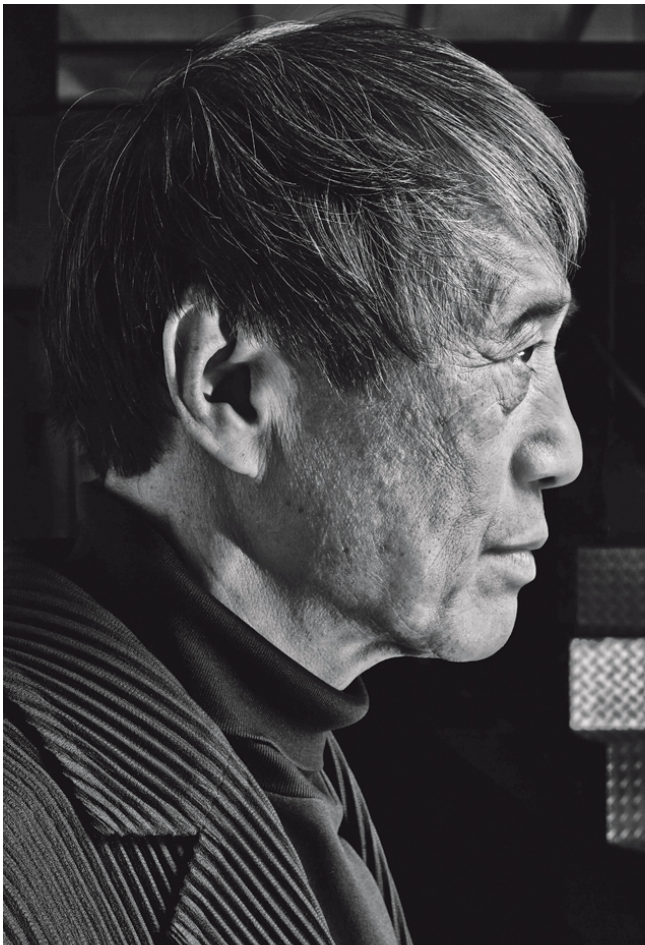


Figura 4.2.1.1 - Tadao Ando

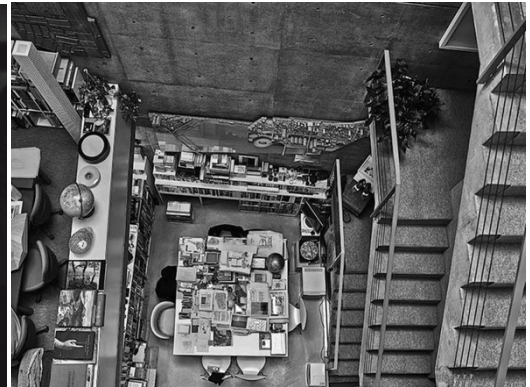


Figura 4.2.1.0 - Atelier, Tadao Ando

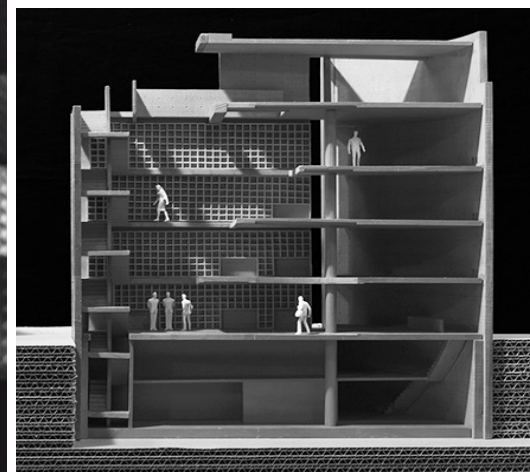


Figura 4.2.1.2- Maquete do ateliê, Tadao Ando

O Ateliê, composto pela área de trabalho rebaixada em relação à entrada por 36cm e um pátio concebido no piso térreo, adotando na totalidade, geometricamente a forma do lote, e integrando-se nas duas paredes de rocha preexistentes, transmite a sensação de fluidez, continuidade e inovação. Através do pátio, que mantém contacto inicial com a rua, é pretendido criar um espaço que para além de trazer privacidade, crie um ambiente de sossego oposto ao que sucede na rua, mas que transmita flexibilidade e inovação. Procura-se que a iluminação zenital e iluminação horizontal através do pátio crie jogos de luz no interior, sendo um aspecto fundamental à criação do espaço.

4.2.2. Distribuição Funcional

Com uma área útil de 28.59m², o espaço do ateliê é dividido em três áreas diferentes. Estas são articuladas independentemente, mas interligados entre si, o espaço de trabalho, o pátio e as instalações sanitárias. Dentro do próprio ateliê, o espaço articula-se como um todo, o espaço de trabalho e o espaço de reuniões, para uma maior fluidez e melhor comunicação como espaço criativo.

ATELIÊ (m ²)		
PISO	DIVISÃO	ÁREA
0	Pátio	5.61
0	Espaço de trabalho	20.25
0	Instalações Sanitárias	2.31
TOTAL		28.59

Tabela 4.2.2.0 - Áreas de distribuição do Ateliê

Pátio

O pátio situado entre a rua e a área de ateliê, serve como primeiro momento de contacto e ligação entre o espaço público urbano, com a ateliê. Este espaço tem duas funções distintas, por um lado, serve de criação de privacidade, atuando como momento transitório entre a azáfama urbana e o espaço de criatividade dos arquitetos. Em contrapartida, atua como despertar de curiosidade para o público que ali circula, servindo de convite à entrada do ateliê.

Como espaço que privilegia a fluidez interior- exterior e vice-versa, serve também como área de descanso e reflexão para os que ali trabalham, bem como ambiente de socialização entre os mesmos.

Espaço de trabalho e reuniões

Este espaço encontra-se logo após o pátio, separados por um vão - de uma porta de vidro, uma folha fixa e uma janela oscilo-batente, que exerce a função de separação e ligação entre os dois espaços.

O seu interior é caracterizado pela sua centralidade, onde se situam primeiramente as mesas de trabalho, conduzindo ao ponto mais fundo do ateliê, o espaço do arquiteto e espaço de reuniões. Assim é criada uma fluidez através da centralidade organizacional existente com as áreas de circulação que conduzem o espaço, nutrindo uma maior comunicação entre patrão e funcionários.

O espaço de trabalho encontra-se em primeiro momento, iluminado através da entrada de luz feita a partir do pátio.

O espaço do arquiteto, situa-se no fim da sala, com o intuito de se interligar conceptualmente com a parede de rocha. É aberta uma claraboia em forma de rasgo através do pátio da habitação, com o objetivo de iluminar naturalmente a rocha, criando um espaço quase que poético, de criação para o arquiteto. Este atua como forma de interligação ao conceito de carácter do lugar.

Neste espaço é colocado um armário em madeira com o mesmo pé direito do ateliê, fazendo contacto com a parede de rocha, mantendo toda a mesma ideologia do espaço.

Instalações sanitárias

As áreas técnicas da proposta, instalações sanitárias e escadas, encontram-se todas na mesma área do lote, como elemento de conexão entre as áreas propostas e o elemento rocha existente no terreno.

Embora o espaço do ateliê e a habitação assumam espaços independentes sentiu-se a necessidade de manter a mesma linguagem de organização, estando então a área das instalações sanitárias alinhadas verticalmente com a mesma do objeto de habitação, logo após o elemento das escadas. A colocação destes elementos, advém também da memória do antigo edificado presente no lote.

4.2.3. Caracterização Construtiva

Sistema Estrutural

A estrutura do ateliê é composta por paredes estruturais em betão armado, que por sua vez suporta uma laje maciça de betão. Duas partes da laje, que ficam em contacto com a rocha, mais concretamente, onde se situam as instalações sanitárias comuns e o pátio da habitação, encontram-se em consola.

Revestimento Exterior, Acabamentos e Pavimentos

As paredes exteriores são compostas por painéis pré-fabricados em betão revestido e rebocado de cor branco, no miolo, por caixa-de-ar e isolamento de lã de rocha e, no interior por uma parede estrutural em betão à vista, com exceção da parede de fachada que no interior é revestida e rebocada de cor branco.

No interior apresentam-se os quatro diferentes tipos de paredes e acabamentos presentes em toda a proposta. A parede de rocha natural, parede estrutural em betão à vista e a mesma revestida pelos painéis pré-fabricados de betão à vista. Ainda nas instalações sanitárias as paredes são constituídas por gesso cartonado de cor branco, no miolo, caixa-de-ar e isolamento de lã de rocha.

A solução de betão revestido a reboco na fachada, surge pela associação e continuidade do mesmo tipo de linguagem que a envolvente urbana. Quanto à opção de manter o betão à vista no interior, surge da vontade de manter um aspeto de bruto e natural para ir de encontro e associação à parede de rocha, assim como ao próprio local, pela sua proximidade à serra e sua característica montanhêsca.

Em todo o piso, pátio e ateliê, é utilizado betão afagado e polido no pavimento, pelas mesmas razões de associação com os elementos naturais presentes.

Carpintaria e Serralharia

As janelas - de folha fixa, oscilo-batente, a claraboia, e porta de entrada- são de caixilharia de alumínio iodizado de cor preto.

A porta pivotante das instalações sanitárias é de madeira de carvalho, com velatura aquosa e acabamento em verniz mate, pelo seu aspeto que quando associado com o betão à vista conecta-se como um todo com a naturalidade material do espaço.

Reabilitação Urbana - Proposta de Habitação e Ateliê na Cidade da Covilhã

A portada que separa o pátio do exterior, será composta por régua vertical de madeira de carvalho, bem como o restante painel de régua vertical de madeira fixo existente.

A mobília deverá ser feita em madeira de carvalho maciça com velatura aquosa com acabamento em verniz mate.

05.CONCLUSÃO

A Cidade não é apenas o conjunto de espaços e ambientes com que nos deparamos atualmente mas é também, um consolidar de memórias e evoluções que refletem um passado e caracterizam o espaço.

As cidades são compostas e reconhecidas pelos seus edifícios monumentais que se tornam marcos históricos e turísticos, mas também e não menos importantes, pelas inúmeras obras arquitetónicas que vão sendo construídas ao longo dos tempos, que constituem a sua linguagem arquitetónica geral e acolhem principalmente programas residenciais, responsáveis por manter a atividade da Cidade.

Então, conhecer uma cidade, é reconhecer a sua arquitetura e suas qualidades, compreendendo os edifícios que a compõem e qual o papel de cada um no seu todo, mas também na sua parte, no pequeno contexto que o envolve e nas dinâmicas sociais que gera.

Desenvolve-se consoante diversos fatores, de carácter temporal, geográfico, social e/ou económico e é a realidade e o conhecimento dos factos urbanos que a estruturaram até aos dias de hoje que nos permite chegar ao pleno entendimento do seu contexto exclusivo.

Como arquitetos, deveremos delinear projetos e estratégias de intervenção que venham dar respostas, solucionando problemas de maior necessidade nos mais diversos sectores, nomeadamente nos centros históricos, que atualmente são palco de grandes carências para reabilitação e recuperação.

Nos dias de hoje, um dos fatores essenciais ao desenvolvimento das cidades no que diz respeito ao aspeto urbanístico, social e arquitetónico, prende-se com a necessidade de intervir através da recuperação das mesmas. Assim sendo, é essencial considerar a realidade e o contexto de desenvolvimento e construção dos edifícios a reabilitar, sendo imprescindível intervir em pequenas reparações procurando proporcionar ao edifício as qualidades e exigências técnicas que hoje se demandam, mas procurando uma integração na sua envolvente e na sua história, não permitindo que tal consideração seja um travo na sua execução, pois intervir é modificar e o mundo é feito de constantes mudanças, como Camões citaria,

*“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.”⁶*

Assim sendo, a proposta realizada nesta dissertação no âmbito da temática da reabilitação urbana constituiu um processo extremamente estimulante, pelo desafio que exigiu ao autor a

⁶ Poema da autoria de Luiz Vaz de Camões.

responder ao problema, com base nas condicionantes, como as pré-existências, as linguagens a recuperar, os alinhamentos, a materialidade, entre muitos outros. Como consequência dessas características, a proposta na sua fase de levantamento torna-se uma fase de aprendizagem local, tanto do seu passado, quanto sociológica. Como tal, a fase seguinte, de execução da proposta, torna-se desafiante pelas barreiras existentes, que fazem com que não haja total liberdade de intervenção, tornando o processo criativo e o produto final mais compensador.

Em suma, prevê-se ter respondido positivamente no modo como foi solucionado o problema que esta tese proponha abordar, e ainda servir de objeto de guia e estudo para situações do mesmo cariz urbano, em outros lotes com as mesmas, ou semelhantes, características físicas, e funcionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

- ALEXANDER, Christopher. *El Modo Intemporal de Construir*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1981
- BAEZA, Alberto Campo. *A Ideia Construída*. Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2008.
- CARRILHO, Manuel Maria. *Elogio da Modernidade*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*, 2.a edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2002.
- LYNCH, Kevin, *A Imagem da Cidade*, trad. Maria Cristina Tavares Afonso, Ed. 70, Lisboa, 2008.
- LOOS, Adolf. *Adolf Loos: escritos*, *El Croquis*, Madrid, 1993, p. 75 (tradução livre: “ El hoy se construye sobre el ayer, así como el ayer se construyó sobre el anteayer
- MOURA, Eduardo Souto de Eduardo Souto de Moura, Blau, Lisboa, 1994
- NORBERG-SCHULZ, Christian *Genius Loci - paesaggio ambiente architettura*, Ed. Mondadori Electa, Itália, 1979
- ROSSI, Aldo, *A Arquitectura da Cidade*, trad. Arquitecto José Charters Monteiro, Cosmos, Lisboa, 2001.
- TAVÁ ORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP publicações, 2006.
- VIEIRA, Álvaro Siza. *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70, 1998.
- ZUMTHOR, Peter. *Pensar a arquitectura*. Barcelona. Gustavo Gili, 2005
- ZUMTHOR, Peter. *Atmosferas*; Barcelona. Gustavo Gili, 2006.

Dissertações:

- RODRIGUES, Artur. *Proposta de Reabilitação de Habitação em Meio Rural - Sítio da Mãe-de-Deus, Ilha da Madeira*. Tese de dissertação para obtenção do Grau de Mestre de Arquitetura. Universidade da Beira Interior. Covilhã. Fevereiro de 2016
- DOMINGUES, Telmo. *Reabilitação de Vazios Urbanos no Centro Histórico*. Tese de dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, Universidade da Beira Interior. Covilhã. Outubro de 2012

Revistas:

CHIPERFIELD, David. El Croquis 174-175. Madrid: Editorial El Croquis, 2014.

KOOLHAAS, Rem. El Croquis. Madrid: Editorial El Croquis, 1994, n.o 53.

MEURON, Jacques Herzog, de, Pierre. El Croquis 152-153. Editorial El Croquis, Madrid.

MOURA, Eduardo Souto de. El Croquis 2005-2009. Madrid: Editorial El Croquis, 2009.

NOUVEL, Jean. El Croquis: 1987-1994. Madrid: El Croquis Editorial, 1994, n.o 65/66

OLGIATI, Valerio. El Croquis 1996- 2011. Madrid: Editora El Croquis, 2011.

Sites:

<http://www.cimpor-portugal.pt/>

<http://cast-in.pt/>

<http://www.pregaia.com/>

<https://journals.openedition.org/sociologico/444#ftn12>

ANEXOS

Proposta de projeto de execução para habitação e ateliê

